

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 2 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017. 198p.

Resenhado por: Daniela Schwarcke do Canto (UFSM)

Anselmo Peres Alós (UFSM)

A escritora Conceição Evaristo nasceu Maria da Conceição Evaristo, em Belo Horizonte, em 1946. Menina de origem humilde, ela sempre gostou de escrever, o que a impulsionou a estudar. A autora de *Becos da memória* graduou-se em Letras pela UFRJ, é mestre em Letras pela PUC-Rio e Doutora em Letras pela UFF.

Em *Becos da memória* (publicado pela primeira vez em 2006, e agora reeditado pela editora Pallas), a escritora traz uma narrativa memorialística de inspiração biográfica, mesmo que com mudanças e adequações, como ela mesma descreve no prefácio que escreveu, intitulado “Da Construção de Becos”: “tenho dito que *Becos da Memória* é uma criação que pode ser lida como ficções da memória. E, como a memória esquece, surge a necessidade da invenção” (EVARISTO, 2017, p. 11).

Marcado pela tensão do cotidiano em que estão inseridos os personagens, e centrado no drama dos moradores de uma favela prestes a ser demolida, *Becos da Memória* vai, aos poucos, nos “enredando” nessa trama tão bem costurada por Conceição Evaristo. Vamos nos envolvendo com Vó Rita e seu “coração grande” (também no sentido literal) e a sua generosidade sem limites, que acolhe “a outra” quando ninguém mais se importava com a sua existência, quando ninguém mais olha para ela:

Vó Rita era imensa. Gorda e alta. Tinha um vozeirão. Todo mundo sabia quando ela estava para chegar. Vivia falando. Nunca vi Vó Rita calada. Se não conversava, cantava. Boca fechada não entra mosquito, mas não cabem risos e sorrisos (EVARISTO, 2017, p. 27).

Emocionamo-nos com a humanidade e a compaixão de Bondade, que veio ninguém sabe de onde, mas que tem pouso certo, a cada noite na casa de um, na favela. Bondade é uma figura um tanto misteriosa, que passa os dias a contar histórias e a espalhar a bondade. De acordo com a narradora de *Becos da memória*, “Bondade fazia jus ao apelido. Não tinha pouso certo. Morava em lugar algum, a não ser no coração de todos” (EVARISTO, 2017, p. 24).

Linguagens & Cidadania, v. 19, número especial, jan./dez., 2017.

Outra figura marcante ao longo da narrativa é também tio Totó, que ainda moço viu o rio levar o que ele tinha de mais precioso: sua família. Uma dor que lhe lacera o peito até a sua morte, mas que fazia parte de uma história contada a poucos. Além de tantos outros personagens, que nos chegam através do olhar e da lembrança de Maria-Nova, a menina sonhadora que adora ler, de olhos atentos e curiosos, que deixam escapar poucas coisas que acontecem na favela: “Maria-Nova crescia. Olhava o pôr do sol. Maria-Nova lia. Às vezes, vinha uma aflição, ela chorava, angustiava-se tanto! Queria saber o que era a vida. Queria saber o que havia atrás, dentro, fora de cada barraco, de cada pessoa” (EVARISTO, 2017, p. 32).

Menina negra, pobre e moradora de uma favela, Maria-Nova encontra na leitura e na escrita uma forma de lidar com as diferenças, de sobreviver a uma realidade muitas vezes difícil e cruel, mas que também povoa a sua memória de lembranças boas, de gente humilde e generosa, e de bons amigos. Nesse livro de tom memorialístico, a autora também escreve um pouco sobre si mesma. Maria-Nova tem um pouco (ou muito) da alma de sua criadora, Conceição Evaristo. As palavras são sua forma de lutar contra a pobreza e a desigualdade.